

MAIS DE **3**  
MILHÕES  
DE LIVROS  
VENDIDOS

AUTOR BEST-SELLER #1  
NICHOLAS SPARKS

# UM HOMEM DE SORTE

Descubra do que é capaz a força avassaladora do destino



  
Editora  
Novo Conceito

**“MAS NÃO ESTAVA EM OUTRA ÉPOCA E LUGAR, E NADA DAQUILO ERA NORMAL. TRAZIA A FOTOGRAFIA DELA CONSIGO HÁ MAIS DE CINCO ANOS. ATRAVESSOU O PAÍS POR ELA.”**

“Era estranho pensar nas reviravoltas que a vida de um homem pode dar. Até um ano atrás, Thibault teria pulado de alegria diante da oportunidade de passar um fim de semana ao lado de Amy e suas amigas. Provavelmente, era exatamente isso de que precisava, mas quando elas o deixaram na entrada da cidade de Hampton, com o calor da tarde de agosto em seu ápice, ele acenou para elas, sentindo-se estranhamente aliviado. Colocar uma carapuça de normalidade havia-o deixado exausto.

Depois de sair do Colorado, há cinco meses, ele não havia passado mais do que algumas horas sozinho com alguém por livre e espontânea vontade. (...)

Imaginava ter caminhado mais de 30 quilômetros por dia, embora não tivesse feito um registro formal do tempo e das distâncias percorridas. Esse não era o objetivo da viagem. Imaginava que algumas pessoas acreditavam que ele viajava para esquecer as lembranças do mundo que havia deixado para trás, o que dava à viagem uma conotação poética. prazer de caminhar. Estavam todos errados. Ele gostava de caminhar e tinha um destino para chegar.

**Nicholas Sparks** nos traz uma emocionante história sobre a força avassaladora do destino que se sobrepõe a tudo e dá sentido até nos momentos mais inexplicáveis da vida.

# Um Homem de Sorte

Nicholas Sparks

*Tradução*

Marsely De Marco Martins Dantas

Editora: Novo Conceito



Para Jamie Raab e Dennis Dalrymple

Um ano para ficar na memória...  
E um ano para ser esquecido.  
Estou com vocês em pensamento.

# Agradecimentos

Escrever nunca é um esforço solitário e como sempre, há muitas pessoas a quem devo agradecer a energia e habilidade dispensadas na conclusão deste romance. É claro que há muitas maneiras de homenageá-las por seu empenho, portanto pensei em formas diferentes de dizer obrigado — pelo menos de acordo com a lista que pesquisei no Google antes de escrever. (Você conseguiria nomear todas as línguas de cabeça sem pesquisar antes?)

Meu primeiro agradecimento, obviamente, vai para minha esposa, Cathy. Mais do que tudo, ela me mantém centrado e focado em todas as coisas da vida que realmente são importantes. Digo a meus filhos que eles se dariam muito bem casando com uma mulher parecida com ela. *Thank you!*

Em seguida, agradeço a meus filhos: Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah, todos imortalizados (de uma forma bem pequena) por darem nomes aos personagens de meus romances anteriores. Receber seus abraços é receber o maior presente de todos. *Muchas gracias!*

Quem vem agora? Minha agente literária, Theresa Park, que sempre merece minha gratidão. A relação agente/autor pode nos pregar peças às vezes — pelo menos foi o que ouvi sobre outros agentes e autores. Com toda a honestidade, para mim tem sido fantástico e maravilhoso trabalhar com a Theresa desde a primeira vez que nos falamos ao telefonem em 1995. Ela é a melhor; não é apenas inteligente, mas também tem paciência, foi abençoada com uma dose de bom senso a mais do que a maioria das pessoas.

Denise Di Novi, minha amiga e parceira nos projetos de cinema, é mais uma bênção em minha vida. Produziu três dos meus filmes, incluindo: *Noites de Tormenta*, *As palavras que nunca te direi* e *Um amor para recordar* — o que faz de mim um dos autores mais afortunados do mundo. *Merci beaucoup!*

David Young, o fabuloso CEO da Grand Rapid Publishing, por todo seu apoio. Tenho muita sorte em trabalhar com ele. *Arigato gozaimasu!*  
Jennifer Romanello, relações públicas e amiga, transformou a publicidade em uma experiência infinitamente interessante nos últimos treze anos. *Grazie!*

Edna Farley, a amiga que cuida do telefone, organiza quase tudo — e cuida de qualquer problema que surge quando viajo a trabalho. Ela não é somente fantástica, mas também possui um otimismo sem fim, algo que guardo em meu coração. *Tapadh leibh!*

Howie Sanders, meu agente cinematográfico, é outro membro do clube “trabalho com o autor há muito tempo”. E minha vida é melhor por isso. *Toda raba!*

Keya Khayatian, também meu agente cinematográfico, é maravilhoso e sempre generoso com o tempo que tem a dispor; *Merci!* Ou, se preferir, *Mamnoon!*

Harvey-Jane Kowal e Sona Vogel, minhas editoras são incrivelmente pacientes, considerando que estou sempre atrasado com os prazos de entrega. Elas têm de corrigir todos os errinhos dos meus romances (tudo bem, alguns erros bem grandes, às vezes) e, infelizmente, poucas vezes dou a elas tempo suficiente para isso. Portanto, se você encontrar algum erro (e pode ser que encontre), não as culpe. Culpe a mim. Elas são fantásticas no que fazem. Para vocês duas: *Spasibo!*

Scott Schimmer, meu advogado, é uma dessas pessoas em defesa das quais franzimos a testa ao ouvir piadas sobre advogados. Ele é uma ótima pessoa e um amigo ainda melhor. *Liels paldies!*

Muito obrigado também a Marty Bowen, Courtney Valenti, Abby Koons, Lynn Harris e Mark Johnson. *Efharisto Poli!*

Alice Arthur, minha fotógrafa, está sempre pronta para o que der e vier e tira fotos fantásticas, por isso sou sempre grato. *Toa chie!* Ou *Xie Xie!*

Flag elaborou uma capa maravilhosa novamente. *Shukran gazilan!*

Tom McLaughlin, o diretor da Epiphany School, uma escola que minha esposa e eu ajudamos a fundar e que tem transformado minha vida em plena e rica desde que começamos a trabalhar juntos. *Obrigado!*

E, finalmente, David Simpson, meu amigo, treinador da escola New Bern High — *Mahalo nui loa!*

P.S: As línguas usadas foram: Inglês, espanhol, alemão, francês, japonês, escocês, gaélico-escocês, hebraico, farsi, russo, grego, chinês, árabe, português e havaiano, pelo menos de acordo com o site que encontrei na internet. Mas quem acredita em tudo que encontra lá?



## Capítulo 1

### *Clayton e Thibault*

O policial Keith Clayton não os ouviu se aproximar e de perto, suas aparências eram ainda piores do que quando os vira pela primeira vez. Incluindo o cachorro. Não era muito fã de pastor-alemão e aquele, embora permanecesse tranquilo, fazia-o lembrar de Panther, o cão policial que era parceiro do policial Kenny Moore em suas rondas e que estava sempre pronto para morder os suspeitos na virilha ao primeiro comando. Achava Moore um idiota a maior parte do tempo, mas, mesmo assim, ele era o mais próximo de um amigo que Clayton tinha no departamento, e precisava admitir que Moore possuía um jeito especial de contar suas histórias sobre as mordidas nas virilhas, histórias que faziam Clayton morrer de rir. E com certeza Moore teria gostado da pequena festinha de nudismo que Clayton havia acabado de interromper, depois de espiar duas alunas no auge da sua juventude tomando sol à beira do riacho. Ele só estava lá por alguns minutos e havia tirado apenas algumas fotografias quando viu uma terceira garota surgir por detrás das hortênsias. Depois de esconder rapidamente a câmera no meio dos arbustos, deu um passo adiante e, logo em seguida, estava frente a frente com a estudante.

— Muito bem, o que está acontecendo por aqui? — perguntou de forma a deixá-la na defensiva.

Não havia gostado de ter sido pego com a boca na botija, nem tinha ficado satisfeito com a forma com que iniciou a conversa. Geralmente, conseguia ter um tom mais delicado. Muito mais delicado. Ainda bem que a garota estava envergonhada demais para perceber qualquer coisa e quase tropeçou ao tentar recuar. Gaguejou uma tentativa de resposta enquanto tentava se cobrir com as mãos. Era como observar alguém jogar Twister<sup>1</sup> com o próprio corpo.

Ele não fez esforço algum para desviar o olhar. Em vez disso, sorriu, fingindo nem notar o corpo nu dela. como se encontrasse mulheres nuas no meio da mata o tempo todo. Agora tinha certeza absoluta de que ela nem imaginava que ele estava tirando fotos.

— Acalme-se. O que esta acontecendo?

---

<sup>1</sup> Twister é um jogo de habilidades físicas desenvolvido pela Hasbro. (N.T.)

Ele sabia muito bem o que estava acontecendo. Acontecia de vez em quando, em quase todo o verão, principalmente em agosto: alunas da escola Chapel Hill ou da NC State vinham para a praia em uma última tentativa de um fim de semana prolongado na ilha Emerald, antes do início do período letivo no outono. Sempre desviavam por uma velha estrada esburacada e seguiam por pouco mais de um quilômetro e meio até o parque nacional antes de chegar ao ponto em que o rio Swan fazia uma curva ríspida em direção ao rio South. Havia uma praia de cascalhos por lá, que era famosa pelo nudismo — como isso tinha acontecido, ele não fazia a menor ideia — e Clayton sempre dava um jeito de passar por lá para ver se tinha sorte. Duas semanas antes, ele tinha visto seis gatas, porém, hoje, havia três, e as duas que estavam deitadas na toalha já estavam procurando suas camisetas. Apesar de uma delas ser meio gordinha, as outras duas — incluindo uma morena que estava a sua frente — tinham o tipo de corpo que levava os rapazes a loucura. Até mesmo policiais.

— A gente não sabia que tinha alguém aqui. Pensávamos que não havia problema.

Ela tinha um olhar tão inocente que fazia pensar se “papai não ficaria orgulhoso se soubesse o que sua garotinha estava aprontando?” Ele se divertia ao imaginar que resposta ela daria, mas, como estava de uniforme, sabia que tinha de dizer algo oficial. Além do mais, sabia que estava brincando com a sorte, se o xerife ficasse sabendo que ele estava patrulhando a área, não haveria mais alunas por lá no futuro, e isso era algo que ele nem queria levar em consideração.

— Vamos falar com as suas amigas.

Ele foi com ela até a praia, observando-a sem sucesso tentar esconder a parte de trás de seu corpo, divertindo-se com o showzinho. Assim que saíram da mata e chegaram à clareira do rio, suas amigas já tinham vestido camisetas. A morena foi correndo para junto das amigas e rapidamente pegou sua toalha, derrubando algumas latas de cerveja pelo caminho. Clayton apontou para uma árvore que estava próxima.

— Vocês não viram a placa?

Na mesma hora, todas viraram para a direção da árvore. “As pessoas eram ovelhas sempre esperando a próxima ordem”, ele pensou. A placa, pequena e parcialmente escondida pelos galhos baixos de um velho carvalho, tinha sido colocada por ordem do juiz Kendrick Clayton, que por ventura era seu tio. A ideia da placa tinha sido de Keith, pois ele sabia que a proibição só aumentaria ainda mais a atração pelo lugar.

— Nós não vimos! — disse a morena, virando-se para ele. — Não sabíamos. Só ficamos sabendo desse lugar há alguns dias! — ela continuou protestando enquanto brigava com a toalha. As outras estavam assustadas demais para fazer

qualquer coisa que não fosse colocar a parte de baixo do biquíni. — Foi a primeira vez que viemos aqui!

Sua voz se assemelhava a um choramingo, parecendo uma garota mimada. O que provavelmente todas eram. Elas tinham cara disso.

— Vocês sabiam que o nudismo público é contravenção nesta cidade?

Dava para ver seus rostos jovens ficarem cada vez mais pálidos, sabendo que estavam imaginando essa pequena transgressão em suas fichas. Engraçado de se ver, mas ele lembrou que não poderia ir tão longe.

— Qual o seu nome?

— Amy — a morena engoliu seco. — Amy White.

— De onde você é?

— Chapei Hill. Mas sou de Charlotte.

— Estou vendo algumas bebidas alcoólicas. Vocês têm 21 anos?

Pela primeira vez as outras também responderam.

— Sim, senhor.

— Está bem. Amy. Vou dizer o que farei. Vou acreditar na sua palavra de que vocês não viram a placa e que vocês têm idade para beber legalmente, então não vou fazer muito alarde com o fato. Fingirei que nem estive aqui. Mas vocês têm de prometer que não contarão ao meu chefe que liberei vocês três.

Elas não sabiam ao certo se acreditavam nele.

— Sério?

— Sério. Também já estive na faculdade um dia — ele nunca esteve, mas sabia que soava bem. — E é bom focarem suas roupas. Nunca se sabe. pode ter alguém espreitando por aí — ele sorriu. — Joguem fora todas essas latas de cerveja, está bem?

— Sim, senhor.

— Obrigado — e virou-se para ir embora.

— Só isso?

Voltou-se para elas e sorriu novamente.

— Só isso, então se cuidem.

Clayton afastou os arbustos, abaixando-se diante um ou outro galho no caminho de volta para o carro, considerando que tinha dado conta do recado muito bem. Muito bem mesmo. Na verdade, Amy tinha até sorrido para ele e, ao partir, passou pela sua cabeça a idéia de voltar e pedir o número de telefone dela.

Mas não, pensou melhor, talvez fosse melhor deixar aquilo para lá. Era mais do que provável que, ao retornarem, contariam a suas amigas que, mesmo sendo pegas pelo xerife, nada havia acontecido a elas e então o boato de que os policiais da região eram legais se espalharia. Mesmo assim, ao caminhar pela mata, tinha esperança de que as fotografias tivessem ficado boas. Elas seriam um ótimo acréscimo a sua coleção.

No geral, tinha sido um dia excelente. Ele ia pegar a câmera fotográfica quando ouviu um assobio. Seguiu o som que vinha da estrada e viu um estranho com um cachorro, caminhando vagarosamente, com uma aparência de hippie dos anos 1960.

O estranho não estava com as garotas. Disso Clayton tinha certeza. Primeiro, ele era velho demais para estar na faculdade, devia ter quase 30 anos. Seu cabelo comprido parecia um ninho de rato, na opinião de Clayton, e, nas costas do estranho, dava para ver que havia um saco de dormir saindo para fora da mochila. Não se tratava de um banhista indo para a praia; o cara tinha aparência de quem estava fazendo caminhada, talvez até mesmo acampando. Não dava para saber há quanto tempo ele estava ali ou o que tinha visto.

“Com Clayton tirando fotografias?”

De jeito nenhum. Não era possível. De onde estava não dava para ter visão pela estrada principal, os arbustos eram espessos, e ele teria ouvido alguém andando pela mata. Certo? Mesmo assim, era um lugar estranho para caminhar. Eles estavam no meio do nada, e a última coisa que ele queria era um bando de hippies fracassados estragando o ponto referência das estudantes.

Enquanto pensava nisso, o estranho passou por ele. Estava perto do carro da polícia e ia em direção ao jipe das garotas. Clayton foi em direção à estrada pigarreou. O estranho e o cachorro se viraram após ouvirem o som.

De longe. Clayton continuou a analisá-los. O estranho não pareceu se abalar com a presença súbita do policial, assim como o cão, mas havia algo no olhar daquele homem que deixava Clayton desconfortável. Como se ele quase estivesse esperando a presença de Clayton. O mesmo ocorria com o pastor-alemão. Ele tinha uma expressão distraída e desconfiada ao mesmo tempo, quase inteligente, bem parecida com a expressão de Panther antes de Moore soltá-lo. Sentiu seu estômago se remexer. Esforçou-se para não cobrir instintivamente suas partes íntimas.

Ficaram encarando um ao outro por um bom tempo. Há tempos Clayton havia aprendido que sua farda intimidava a maioria das pessoas. Todos, até mesmo os inocentes, ficavam nervosos diante da lei e das autoridades, e não seria diferente com aquele homem, acreditava ele. Essa era uma das razões pelas quais adorava ser policial.

— Você não tem uma coleira para o seu cão? — disse, fazendo parecer mais uma ordem do que uma pergunta.

— Está na minha mochila.

Clayton não conseguiu perceber sotaque algum. Como diria sua mãe, "inglês de Johnny Carson".

— Coloque-a.

Não se preocupe. Ele só se move ao meu comando.

— Coloque-a mesmo assim.

O estranho pegou sua mochila e começou a procurar a coleira. Clayton esticou o pescoço na esperança de perceber qualquer coisa parecida com drogas ou armas. Um pouco depois, a coleira estava em volta do pescoço do cachorro, e o estranho olhou para Clayton com cara de quem estava dizendo "e agora?".

— O que você está fazendo aqui? — Clayton perguntou.

— Caminhando.

Essa mochila é muito grande para quem está caminhando.

O estranho não disse nada.

— Ou talvez você estivesse se escondendo por aí, tentando admirar a vista?

— É isso que as pessoas fazem quando vêm aqui?

Clayton não gostou de seu tom, ou do que estava implícito nele.

— Gostaria de ver seus documentos.

O estranho se abaixou e procurou seu passaporte na mochila. Fez um sinal com a palma da mão para que o cachorro ficasse onde estava, e aproximou-se de Clayton para entregar-lhe o documento.

— Você não tem carteira de motorista?

— Não.

Clayton analisou o nome movendo os lábios lentamente.

— Logan Thibault?

O estranho concordou com a cabeça.

— De onde você é?

— Do Colorado.

— Viagem bem longa.

O estranho não disse nada.

— Está indo para algum lugar específico?

— Estou indo para Arden.

— O que tem em Arden?

— Não sei. Ainda não fui lá.

Clayton franziu a testa diante da resposta. Astuta demais? Desafiadora demais? Qualquer coisa demais? Tanto faz. De repente, ele sabia que não gostava daquele cara.

— Você não se importa se eu der uma verificada nos seus documentos, não é?

— Fique a vontade.

Ao voltar para o carro, deu uma olhada para trás e viu Thibault pegar uma tigelinha em sua mochila e colocar um pouco de água nela. Como se não tivesse preocupação alguma no mundo.

"Isso vamos descobrir, não vamos?"

No carro, Clayton passou o nome pelo rádio, soletrando-o antes de ser interrompido pela atendente.

— É Thibault, como Tibò, não Thibault. É francês.

— E eu lá me importo com a pronuncia?

— Só estava falando...

— Tanto faz. Marge. Só verifique para mim, está bem?

— Ele tem cara de francês?

— E eu lá sei como e que um francês se parece?

— Só estou curiosa. Não precisa ficar nervosinho. Estou meio ocupada aqui.

*Ah, tá. "Superocupada",* pensou Clayton. Muito provavelmente, comendo donuitts. Marge mandava ver pelo menos uma dúzia deles por dia. Ela devia pesar uns 150 quilos.

Pela janela do carro dava para ver o estranho acariciar o cachorro, conversando baixinho com ele enquanto bebia água. Balançou a cabeça. Conversar com animais. Coisa de louco. Como se o cão entendesse qualquer coisa que não fosse um comando básico. Sua ex-mulher também tinha esse hábito. Ela tratava animais como se fossem pessoas, o que devia ter servido de aviso para ter ficado longe dela logo de cara.

— Não encontro nada de errado — disse Marge. Parecia que ela estava mastigando alguma coisa. — Não vejo nada de excepcional.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Sei bem como fazer meu trabalho.

Como se parecesse estar ouvindo a conversa, o estranho recolheu a tigela de água e depois colocou a mochila de volta nos ombros.

— Houve algum chamado fora do comum? Reclamações de vadiagem ou algo do tipo?

— Não. Foi uma manhã tranqüila. E, falando nisso, por onde você anda? Seu pai está atrás de você.

Clayton era filho do xerife da região.

— Diga a ele que daqui a pouco eu volto.

— Ele está bravo.

Apenas diga a ele que estou fazendo minha ronda, está bem?

“Assim ele fica sabendo que estou trabalhando”, pensou, mas não se preocupou em dizer.

— Eu falo.

Melhor assim.

— Preciso ir agora.

Colocou o rádio de volta no lugar, mas não saiu da sua posição, sentindo um leve desapontamento. teria sido engraçado ver como o cara iria encarar uma prisão, com aquele cabelo de menina e tudo mais. Os irmãos Landry iam fazer as honras da casa para ele. Eram clientes habituais da cadeia aos sábados a noite: bêbados e arruaceiros, sempre metidos em brigas, na maioria das vezes um contra o outro. Exceto quando estavam presos. Nessas horas, resolviam provocar outras pessoas.

Segurou a maçaneta. E qual seria o motivo de seu pai estar bravo dessa vez?' Isso era irritante, faça isso. Faça aquilo. Já preencheu a papelada? Por que está atrasado? Por onde andou? A maior parte do tempo tinha vontade de mandar seu velho cuidar da sua própria vida maldita. O velhote ainda tinha a ilusão de que era o mandachuva por lá.

Não tinha problema. Uma hora ele ia acabar descobrindo. Agora era hora de se livrar do *hippie* fracassado antes de as garotas saírem. Lá era para ser um lugar particular, certo? *Hippies* malucos podem acabar com tudo.

Clayton saiu do carro e fechou a porta. O cachorro inclinou a cabeça ao vê-lo se aproximando. Ele devolveu o passaporte.

— Sinto muito pelo inconveniente. Sr, Thibault — dessa vez ele carregou na pronúncia de propósito. — Só estou fazendo meu trabalho. A menos, claro, que o senhor tenha drogas ou armas na sua mochila.

— Não tenho.

— O senhor se importa se eu mesmo ver?

— Nem um pouco. Mesmo com a Constituição do meu lado, de acordo com a quarta emenda.

— Dá para ver seu saco de dormir. Esteve acampando?

— Estive na cidade de Burke, ontem à noite.

Clayton analisou o homem, pensando no que responder.

— Não há muitos acampamentos por lá.

Thibault não disse nada. Foi Clayton quem desviou o olhar.

—É melhor deixar o cachorro preso a coleira.

— Não acho que há uma legislação sobre isso nesta região.

— Não há. É para a segurança do próprio cão. Muitos carros transitam pela avenida principal.

— Não vou me esquecer disso.

— Então, está bem — Clayton virou-se antes de fazer mais uma pausa.— Se não se importar com a minha pergunta, há quanto tempo está por aqui?

— Só estava passando. Por quê?

Algo na maneira como ele respondeu deixou Clayton pensando e ele hesitou antes de lembrar a si novamente, que não havia como o cara saber que ele estava aprontando.

— Por nada.

— Posso ir?

— Sim, pode.

Clayton observou o estranho e seu cachorro começarem a caminhar pela estrada e entrarem em uma pequena trilha que levava à mata. Quando ele sumiu de vista, Clayton voltou ao seu ponto de observação original para procurar pela máquina fotográfica. Enfiou os braços nos arbustos, chutou as pinhas secas e fez o mesmo caminho várias vezes para ter certeza de que estava no lugar certo. Finalmente, ajoelhou-se, começando a sentir o pânico tomar conta de si. A câmera pertencia ao departamento de polícia. Ele só pegava emprestada para essas saídas especiais, e seu pai ia fazer muitas perguntas se a câmera se perdesse. Pior ainda se fosse achada repleta de fotos de mulheres nuas. Seu pai era muito rigoroso quando se tratava de protocolo e responsabilidade.

Enquanto pensava nisso, algum tempo se passou e ele ouviu um ronco de motor ao longe. Supôs que eram as alunas indo embora. Por um breve momento, penso que elas iam imaginar ao ver o carro da polícia ainda por lá. Tinha outras preocupações em sua mente.

A máquina fotográfica tinha sumido.

Sumido não. Evaporado. E a maldita coisa certamente não tinha saído de lá com os próprios pés. Também não havia como as garotas terem encontrado a máquina. O que significava que Thibault tinha brincado com ele o tempo todo. Thibault. Brincou. Com ele. Inacreditável. Ele sabia que o cara estava agindo de uma forma descontraída demais, de uma forma muito "*eu sei o que você fez no verão passado*".

De forma alguma ele ia se safar dessa. Nenhum hippie maluco, fedido, que fala com animais ia se dar bem em cima de Keith Clayton. Não nesta vida.

Afastou os arbustos e foi em direção à estrada, achando que alcançaria Logan Thibault e olharia bem nos olhos dele. E isso seria só para começar. Faria muito mais em seguida; com certeza muito mais. O cara tirou uma com a cara dele? Isso era inconcebível. Não nesta cidade. Ele não estava nem aí para o cachorro também. O cachorro não vai gostar? Adeus, cachorrinho! Simples assim. Pastores-alemães são armas — não havia um tribunal no mundo que não desse razão a ele.

Uma coisa de cada vez. Primeiro encontrar Thibault. Recuperar a câmera. Depois decidir o que fazer em seguida.

Foi então que, ao aproximar-se de seu carro, percebeu que seus dois pneus traseiros estavam murchos.

\*\*\*\*

— Como é mesmo seu nome?

Thibault sentou-se no assento dianteiro do jipe um pouco depois, falando sobre a força do vento.

— Logan Thibault. E este é Zeus.

Zeus estava na traseira do jipe, de língua para fora, banho empinado para o vento, e o jipe partindo em direção à autoestrada.

— Belo cão. Eu sou Amy. Essas são Jennifer e Lori. Thibault olhou por cima dos ombros.

— Oi.

— Oi.

Elas pareciam dispersas. Não era de se surpreender, pensou Thibault, imaginando o que haviam acatado de passar. — Obrigado pela carona.

— Não é nada. Você disse que ia para Hampton?

— Não é muito longe.

— Fica no caminho.

Depois de ter saído da estrada e cuidado de algumas coisas, Thibault voltou para lá bem na hora em garotas estavam partindo. Fez sinal com as mãos de quem precisava de carona, feliz por ter Zeus ao seu lado, e elas pararam quase que imediatamente.

Às vezes as coisas acontecem exatamente como têm de ser.

Apesar de fingir que não, na verdade ele tinha visto as três quando chegaram de manhã — ele havia acampado na beira da praia —, mas deu a elas privacidade merecida assim que começaram a se despir. Na opinião dele, o que elas estavam fazendo enquadrava-se na categoria “se não há dolo, não há crime”; não havia mais ninguém além dele, estavam completamente sozinhos por lá, e ele não tinha intenções de ficar para espiar. E daí se elas tinham tirado a roupa ou mesmo se estivessem usando fantasias extravagantes? Não era da conta de ninguém, e ele pretendia deixar as coisas assim — até ver o policial chegar em um carro do departamento da polícia de Hampton.

Ele deu uma boa olhada no policial pelo espelho retrovisor e percebeu algo de errado em seu olhar. Difícil dizer o que era, mas ele não parou para analisar. Deu meia-volta e, cortando caminho pela mata, chegou em tempo de ver o policial verificando o cartão de memória da sua câmera antes de fechar a porta do seu carro silenciosamente. Viu quando ele se dirigiu sorratamente para perto da praia. Thibault sabia muito bem que o policial poderia estar em seu horário oficial de trabalho, mas seu olhar estava mais parecido com o de Zeus quando esperava por um pedaço suculento de carne. Um pouco excitado demais com a coisa toda.

Thibault fez com que Zeus ficasse onde estava, manteve distância suficiente para que o policial não pudesse ouvi-lo, e o restante do plano veio espontaneamente depois disso. Sabia que o confronto direto estava fora de questão — o policial ia dizer que estava coletando provas, e a força da palavra de um estranho contra a sua não teria valor algum. Agressão física também estava fora de questão, principalmente porque causaria mais problemas do que valeria a pena, apesar de que ele ia adorar um corpo a corpo com o cara. Felizmente — ou infelizmente, supôs, dependendo do ponto de vista — a garota apareceu, o policial entrou em pânico, e Thibault viu onde a câmera foi parar. Quando o policial e a garota foram em direção às amigas dela, Thibault pegou a máquina. Ele poderia ter parado por aí, mas o cara tinha de aprender uma lição. Não uma grande lição, só uma lição por meio da qual mantivesse a honra das garotas intacta, permitisse que Thibault continuasse seguindo seu caminho e arruinasse o

dia do policial. Foi por isso que voltou e decidiu esvaziar os pneus traseiros do carro de polícia.

— Ah, agora que me lembrei! Achei sua máquina fotográfica perdida na mata.

— Não é minha. Lori ou Jen, alguma de vocês perdeu uma câmera?

As duas balançaram a cabeça negativamente.

— Fiquem com ela mesmo assim — disse Thibault, colocando-a no assento do carro. — E obrigado pela carona.

— Eu já tenho uma câmera.

— Tem certeza? Deve ser muito cara!

— Certeza absoluta.

— Obrigada!

Thibault percebeu as sombras brincando nos contornos de seu rosto, vendo nela uma atração própria das mulheres urbanas, com feições bem marcadas, pele escura, olhos castanhos com reflexos de avelã. Ele podia se imaginar olhando para ela por horas.

— Hei... você tem algum plano para o fim de semana? — perguntou Amy.  
— Vamos para a praia.

— Agradeço o convite, mas não posso.

— Aposto que vai encontrar sua namorada, não vai?

— Por que você diz isso?

— Está na sua cara.

Ele fez um esforço para dar meia-volta e disse:

— Algo do tipo.



## Capítulo 2

### *Thibault*

Era estranho pensar nas reviravoltas que a vida de um homem pode dar. Até no ano anterior, Thibault teria pulado de alegria diante da oportunidade de passar um fim de semana ao lado de Amy e suas amigas. Provavelmente, era exatamente disso de que precisava, mas, quando elas o deixaram na entrada da cidade de Hampton, com o calor da tarde de agosto em seu ápice, ele acenou para elas, sentindo-se estranhamente aliviado. Colocar uma carapuça de normalidade o havia deixado exausto.

Depois de sair do Colorado, há cinco meses, ele não havia passado mais do que algumas horas sozinho com alguém por livre e espontânea vontade, a única exceção tinha sido um senhor de idade em uma fazenda de laticínios, no sul de *Little Rock*, que o tinha deixado dormir em um quarto vazio do andar de cima da casa depois de um jantar em que havia falado tão pouco quanto o convidado. Agradeceu o fato de o senhor não ter sentido a necessidade de questioná-lo sobre as circunstâncias por que aparecera por lá. Nenhuma pergunta, nenhuma curiosidade, nenhum conselho gratuito. Só a aceitação de que Thibault não tinha vontade de conversar. Em agradecimento, Thibault ficou por lá alguns dias ajudando o fazendeiro a consertar o telhado do celeiro e depois pegou a estrada novamente, com a mochila cheia e Zeus sempre atrás dele.

Além da carona das garotas, não havia pegado mais nenhuma. Caminhara o tempo todo. Depois de deixar as chaves de seu apartamento no escritório da administradora, na metade do mês de março, havia gasto oito pares de sapatos, e sobrevivia às custas de barras de proteínas e água durante suas longas e solitárias caminhadas de uma cidade para outra. Uma vez, quando estava no Tennessee, depois de passar fome por praticamente três dias, chegou a comer cinco pilhas enormes de panquecas. Junto com Zeus, viajava durante tempestades de neve, de granizo, chuvas fortes e um calor tão intenso que chegava a causar bolhas nos braços. Tinha visto um tomado na linha do horizonte em Tulsa, Oklahoma, e quase foi atingido por um raio duas vezes. Pegou inúmeros desvios, tentando ficar longe das estradas principais, aumentando assim o tempo de viagem, às vezes por puro capricho. Caminhava até ficar cansado e procurava algum lugar para acampar no fim do dia, em qualquer lugar em que achasse que ele e Zeus não seriam incomodados. Antes do amanhecer, já pegavam a estrada novamente,

assim não dava tempo de alguém tentar bancar o espertinho. Até o momento, ninguém os havia incomodado.

Imaginava ter caminhado mais de 30 quilômetros, por dia, embora não tivesse feito um registro formal do tempo e das distâncias percorridas. Esse não era o objetivo da viagem. Imaginava que algumas pessoas acreditavam que ele viajava para esquecer as lembranças do mundo que havia deixado para trás, o que dava à viagem uma conotação poética. Outros pensavam que ele caminhava simplesmente pelo prazer de caminhar. Estavam todos errados. Ele gostava de caminhar e tinha um destino ao qual chegar. Simples assim. Gostava de partir quando sentia vontade, no seu próprio ritmo, para o lugar que quisesse. Depois de passar anos cumprindo ordens no Corpo j de Fuzileiros Navais, a liberdade o atraía.

Sua mãe se preocupava com ele, mas as mães sempre se preocupam com seus filhos. Pelo menos a dele se preocupava. Telefonava freqüentemente para dizer a ela que estava bem, e, ao desligar, pensava que não estava sendo honesto com ela. Tinha estado praticamente ausente nos últimos cinco anos, e, antes das três idas ao Iraque, teve de ouvir seus sermões por telefone, lembrando-o de não tomar nenhuma decisão estúpida. Não tomou, mas chegou bem perto muitas vezes. Mesmo que não contasse todos os detalhes a ela, sabia que sua mãe lia o jornal. — E agora mais essa — sua mãe lamentou na noite em que ele havia partido. — A coisa toda me parece uma loucura. Talvez fosse. Talvez não. Ele não estava bem certo.

— O que você acha, Zeus?

O cachorro levantou a cabeça ao escutar seu nome e ficou ao lado de seu dono.

— Já sei. Está com fome. Que novidade!

Thibault parou no estacionamento de um hotel precário na entrada da cidade. Pegou a tigela e colocou o restante da comida do cão. Enquanto Zeus comia, ele ficou observando a cidade.

Hampton não era nem de longe o pior lugar que havia visto, mas também não era o melhor. Ficava às margens do South River, a 55 quilômetros de Wilmington e da costa e, à primeira vista, não parecia diferente dos milhares de vilarejos e cidades com Comunidades autossuficientes, de trabalhadores braçais, orgulhosos e cheios de histórias e tradições típicas do sul. Havia alguns semáforos pendurados nos fios que interrompiam o tráfego em direção à ponte

sobre o South River. De ambos os lados da rua principal podiam-se ver pequenas casas térreas de tijolos, geminadas, estendendo-se por mais de meio quilômetro, com nomes das lojas escritos nas vitrines, anunciando lugares para comer, beber ou comprar ferramentas. Algumas velhas magnólias espalhavam--se por lá e suas raízes rachavam as calçadas. Mais ao longe, dava para ver um outdoor antigo de uma barbearia, e até uns velhinhos sentados no banco, em frente à loja. Sorriu. Curioso! Parecia uma fantasia dos anos 1950.

Entretanto, depois de uma análise mais minuciosa, percebeu que as primeiras impressões eram enganadoras. Apesar de estar localizada à margem do rio — ou talvez por isso, supôs — percebeu a decadência nos telhados, nos tijolos próximos às fundações, nas manchas de água salobra um pouco acima das fundações, o que indicava graves inundações no passado. As lojas estavam todas vazias, e ficou imaginando quanto tempo ainda ficariam abertas dada a ausência de carros estacionados à frente delas. Os centros comerciais das cidadezinhas pareciam estar fadados ao mesmo fim dos dinossauros e, se aquela não fosse diferente das outras pelas quais havia passado, um centro comercial j mais novo, provavelmente ancorado em lojas do tipo Wal-Mart ou Piggly Wiggly, seria levada à falência.

Mesmo assim era estranho. Estar ali. Não tinha certeza de como imaginava que Hampton seria, mas não era assim.

Isso não importava. Enquanto Zeus acabava de comer, tentou calcular quanto tempo precisaria para encontrá-la. A mulher da fotografia. A mulher a quem viera encontrar.

Mas ele iria encontrá-la. Disso tinha certeza. Pegou sua mochila.

— Está pronto?

Zeus inclinou a cabeça para o lado.

— Vamos procurar um quarto. Quero comer e tomar um banho. E você também precisa de um.

Thibault deu alguns passos e percebeu que Zeus não saía do lugar. Olhou por cima dos ombros.

— Não me olhe assim. É óbvio que você precisa um banho. Você está fedendo.

Zeus mantinha-se imóvel.

— Muito bem. Faça como achar melhor. Eu vou.

Foi em direção à recepção para fazer o cadastro, sabendo que Zeus viria em seguida. No fim, Zeus sempre vinha. Até ter encontrado a fotografia, a vida de Thibault ia como há muito havia planejado. Ele sempre tinha um plano. Quis ser bem-sucedido na escola e conseguiu; quis praticar vários esportes e cresceu praticando quase todos. Quis aprender violino e tornou-se competente o suficiente para compor sua própria música. Depois de se formar na Universidade do Colorado, planejou entrar para os Fuzileiros Navais; e o recrutador ficou emocionado com sua decisão de alistar-se como soldado em vez de oficial. Chocado, porém emocionado. A maioria dos universitários não mostrava interesse por esse cargo, mas era exatamente isso que ele queria.

O atentado ao World Trade Center não teve mui-ver com sua decisão, pois alistar-se no serviço militar parecia ser algo natural a ser feito, já que seu pai tinha sido Fuzileiro Naval por quinze anos. Seu pai havia-se iniciado como soldado raso e terminado sua carreira como um daqueles sargentos grisalhos, de queixos de aço, que intimidavam a todos menos suas esposas e os pelotões que comandava. Tratava aqueles jovens como se fossem seus filhos, sua única intenção, costumava dizer a eles, era trazê-los de volta para casa, para suas mães, são e salvos e mais adultos. Nesse tempo, seu pai deve ter assistido a mais de 50 casamentos de homens que não se imaginavam casando sem a sua bênção. Também era um bom fuzileiro. Havia sido condecorado com um Bronze Star<sup>2</sup> e dois Purple Hearts<sup>3</sup> no Vietnã, e pelos anos em que serviu em Granada, Panamá, Bósnia na Primeira Guerra do Golfo. Seu pai não se preocupava com transferências, por isso Thibault havia passado a maior parte da adolescência mudando de um lugar para outro, vivendo em diferentes bases militares ao redor do mundo. De certa forma, Okinawi tinha mais cara de lar do que o Colorado e, apesar de seu japonês estar um pouco enferrujado, acreditava que após uma semana em Tóquio resgataria a fluência do passado. Assim como seu pai, imaginava que se aposentaria na Marinha, mas, diferente dele, pretendia viver muito tempo depois disso. Seu pai havia falecido de um ataque cardíaco apenas dois anos após ter pendurado definitivamente a farda no cabide, um infarto agudo que veio do nada. Em um instante ele estava tirando a neve da entrada da casa com a pá e, no outro, estava morto. Isso havia acontecido há treze anos. Thibault tinha 15 anos na época.

---

<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Bronze Star (Estrela de bronze): Condecoração militar dos Estados Unidos outorgada por atos de bravura ou mérito. (N.T.)

<sup>3</sup> Purple Heart (Coração púrpuro): Condecoração militar dos Estados Unidos outorgada a todos os integrantes das Forças Armadas que foram feridos ou mortos durante o serviço militar desde 5 de abril de 1917. (N.T.)

Aquele dia e o dia do funeral representavam as lembranças mais marcantes da sua vida antes de se alistar na marinha. Ter sido criado como filho de militar ajudava a amenizar situações como essas, simplesmente por causa da frequência das mudanças de ambientes.

Os amigos vão e vêm, as malas são feitas e desfeitas, a casa possui somente o estritamente necessário e, assim, não há muito que fique de significativo. Ensina-os que mesmo que algumas pessoas sejam deixadas para trás, outras inevitavelmente pegarão eu lugar e que todo lugar tem aspectos positivos — e negativos — a oferecer. Isso obriga uma criança a amadurecer precocemente.

Até mesmo o tempo de faculdade foi obscuro, apesar de ter sido um capítulo da sua vida com rotinas próprias. Estudar durante a semana, divertir-se nos fins de semana, dar duro para passar nos exames tais, comer a péssima comida da faculdade, e namorar duas garotas, uma delas por mais de um ano. Todo mundo que passa pela universidade tem as mesmas histórias para contar, poucas com um impacto duradouro. No fim, o que resta mesmo é o acadêmico. Na verdade, sentiu que sua vida havia mesmo começado no dia em que se apresentou em Parris Island para o treinamento básico. Assim que saltou do ônibus, sargento encarregado começou a berrar em seus ouvidos. Nada como um sargento para fazer você sentir que, até aquele momento, sua vida não tivera significado algum. Os recrutas eram sua propriedade ponto final. Eram bons nos esportes? "Faça 50 flexões Sr. Vigilante." Tem nível superior? "Monte esse fuzil Einstein." Papai foi fuzileiro naval?" Limpe os banheiros assim como seu papai um dia também limpou. Os mesmos velhos clichês. Correr, marchar, bater continência, rastejar na lama, escalar paredes: não havia nada no treinamento básico que não fosse esperado.

Tinha de admitir que a maior parte do treinamento funcionou. Aquebrantou e achatou as pessoas o máximo possível de forma a transformá-las em fuzileiros navais. Pelo menos é o que diziam. Ele não se sentiu assim. Adaptou-se aos movimentos, manteve cabeça baixa, fez o que mandaram fazer e continuou sendo o mesmo homem de sempre. Mesmo assim tornou-se um fuzileiro naval.

Foi escalado para o Primeiro Batalhão do Quinto Regimento de Fuzileiros Navais, com base em Cam Pendleton. San Diego era seu tipo de cidade, com um clima maravilhoso, lindas praias e mulheres ainda mais bonitas. Mas aquilo não duraria. Em janeiro de 200; logo após completar 23 anos, foi designado para Kuwait, para participar da Operação Liberdade ao Iraque. Camp Doha, área

industrial da Cidade do Kuwait, ativa desde a Primeira Guerra do Golfo, eram autossuficientes. Havia um ginásio e um centro de informática, loja de conveniência para os militares, restaurantes e tendas montadas até perder de vista. Um lugar bem movimentado que ficara ainda mais com iminência de uma invasão, um caos desde o início, os dias eram uma sequência de reuniões intermináveis, treinos de quebrar os ossos e ensaios para prováveis ataques, de acordo com planos constantemente alterados. Treinou vestir o fardamento de proteção para a guerra química pelo menos umas 100 vezes. Os rumores também eram intermináveis. O mais difícil era descobrir qual rumor poderia ser verdadeiro. Todo mundo conhecia alguém que conhecia alguém que sairia da "verdadeira história". Um dia era para estarem prontos para entrar em combate imediatamente e, no outro, era para aguardarem. Primeiro, era para entrar pelo norte e pelo sul, depois era só pelo sul e, por fim, nem era para entrar. Falavam que o inimigo tinha armas químicas e tinha intenção de usá-las. No dia seguinte, a história era que não usariam armas químicas, pois tinham medo de que os Estados Unidos fossem retaliar com armas atômicas. Havia boatos de que a Guarda Nacional ia montar uma barreira suicida bem em frente à fronteira. Outros juravam que só fariam na entrada de Bagdá. E havia ainda quem dissesse que a barreira seria montada somente ao redor dos campos de petróleo. Enfim, ninguém sabia de nada, o que servia apenas para alimentar a imaginação da 150 mil tropas montadas no Kuwait.

A maioria dos soldados não passa de crianças. As pessoas se esquecem disso às vezes. Tem 18, 19, 20 anos — metade dos homens em serviço não tem nem idade legal para comprar cerveja. Estavam confiantes, bem treinados e ansiosos para entrar em ação, mas era impossível ignorar a realidade do que estava para acontecer. Alguns deles morreriam. Uns falavam abertamente sobre o assunto, outros escreviam carta às famílias e as entregavam ao capelão. Os ânimos estavam à flor da pele. Alguns não conseguiam dormir, outros dormiam quase o tempo todo. Thibault só observava tudo com uma estranha sensação de desapego. "Bem-vindo à guerra", seu pai parecia sussurrar-lhe. "É sempre a mesma coisa: situação normal, tudo ferrado."

Thibault não era totalmente imune a essa crescente tensão e, como todo mundo, precisava de uma válvula de escape. Resolveu jogar pôquer. Seu pai o havia ensinado a jogar, conhecia o jogo... ou pelo menos achava que conhecia. Não demorou muito para descobrir que havia gente que conhecia muito mais. Nas primeira três semanas, perdeu tudo que havia guardado desde que decidira alistar-se, blefava quando deveria passar a vez e passava quando deveria continuar jogando. Para começar, nem era tanto dinheiro assim; se não tivesse

perdido no jogo, não teria mesmo outros lugares para gastá-lo, mas isso o deixou de mau humor por vários dias. Detestava perder.

O único antídoto eram as longas corridas que fazia assim que acordava, antes mesmo do nascer do sol. Apesar de estar no Oriente Médio há um mês e meio, ainda se espantava com o frio da manhã no deserto. Corria duro debaixo do céu repleto de estrelas, sempre com a respiração curta.

No fim de uma das suas corridas, quando já avistava as tendas, começou a diminuir o ritmo. Nessa hora, o sol já começava a nascer no horizonte, espelhando seus raios dourados pela paisagem árida. Recuperava o fôlego com as mãos na cintura, quando viu o brilho pálido de uma fotografia, meio enterrada na areia. Parou para pegá-la e percebeu que a plastificação era barata, mas bem feita, provavelmente para protegê-la das intempéries. Tirou o pó para ver a imagem com mais nitidez e foi então que a viu pela primeira vez.

A loira sorridente tinha olhos cor de jade, vestia jeans e camiseta estampada com as palavras “garota de sorte”. Ao fundo, havia uma faixa com os dizeres “feira de Hampton”. Um pastor-alemão, com o focinho grisalho, ao lado dela. Na multidão atrás dela, havia dois jovens, ao lado da bilheteria, um pouco desfocados, ambos com camisetas estampadas. No verso da fotografia, havia a seguinte frase manuscrita: “Se cuida! E.”

Não que ele tivesse percebido isso tudo de uma vez. Na verdade, seu primeiro instinto havia sido jogar a fotografia fora. Quando ia fazer isso, porém, pensou que talvez quem a tivesse perdido gostaria de recuperá-la. Com certeza era algo significativo para alguém.

Ao voltar ao acampamento, colocou a foto e uma mensagem em um quadro de avisos na entrada do centro de informática, supondo que todos sempre acabariam passando por ali mais cedo ou mais tarde e certamente alguém sentiria falta dela.

Uma semana se passou, depois de dez dias. Ninguém pegou a fotografia. Nessa altura, seu pelotão treinava por horas, todos os dias, e as partidas de pôquer estavam cada vez mais sérias. Alguns homens haviam perdido milhares de dólares. Diziam que um oficial tinha perdido quase 10 mil dólares. Thibault, que havia desistido de jogar desde a primeira tentativa humilhante, preferia passar seu tempo livre refletindo sobre a invasão que se aproximava e sobre como deveria reagir diante das armas de fogo. Três dias antes da invasão, caminhando pelo centro de informática, viu a foto ainda presa ao quadro de

avisos e, por razões que nunca compreendeu bem, tirou-a de lá e a colocou no bolso.

Victor, seu melhor amigo pelotão — estavam juntos desde o treinamento básico —, convidou-o para o jogo de pôquer naquela noite, apesar das restrições de Thibault. Ainda mal nas finanças, Thibault começou a jogar cautelosamente e pensou em ficar só meia hora por lá. Passou nas três primeiras rodadas e depois fez um *straight* na quarta partida e um *full house* na sexta. As cartas não paravam de cair na sua mão — *flushes, straight, full houses* — e na metade da noite tinha recuperado as perdas anteriores. Thibault ficou. Os jogadores iniciais foram substituídos por outros. Thibault continuou. Sua maré de sorte continuou e, até o cair da noite, tinha ganho mais do que seis meses de salário como fuzileiro naval.

Só quando estava para sair do jogo com Victor é que percebeu que a fotografia esteve o tempo todo em seu bolso. Quando voltaram para sua tenda, mostrou a foto para Victor, ressaltando as palavras na camiseta da mulher. Victor, cujos pais eram imigrantes ilegais que moravam perto de Bakersfield, na Califórnia, não era somente religioso, como também acreditava em presságios de todos os tipos. Raios e trovões, encruzilhadas e gatos pretos eram seus prediletos e, antes de embarcarem, contou-lhe sobre um tio que supostamente causava mau olhado:

— *Quando ele olha pra você de um jeito, morrer é apenas uma questão de tempo.*

Victor tinha tanta convicção que fazia Thibault sentir-se com 10 anos de idade ao ouvir a história sendo contada à luz da lanterna. Na hora não disse nada. Todo mundo tem suas manias. E daí se o cara tinha suas crendices? O que importava mesmo era o fato de Victor ser tão bom atirador que havia sido escolhido para o pelotão de elite, e Thibault confiava sua vida a ele.

Victor analisou a fotografia antes de devolvê-la:

— Você disse que a achou ao nascer do dia?

— Sim.

— Esse é o momento mais poderoso do dia.

— Você já me falou.

— Isso é um sinal. Ela é seu amuleto da sorte. Olha só a camiseta dela.

— Ela foi mesmo esta noite.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Homem de Sorte"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).